

Memória e pertença identitária no romance *Andernorts* (2010) de Doron Rabinovici

Anabela Valente Simões

ESTGA | CLC, Universidade de Aveiro

Nas eleições legislativas de 3 de Outubro de 1999, a *Österreichische Volkspartei* liderada por Wolfgang Schüssel forma governo com a terceira força partidária do país, a *Freiheitliche Partei Österreichs*, dirigida pelo controverso governador da Caríntia Jörg Haider que, com os seus discursos de cariz claramente xenófobo, lançou o olhar da Europa sobre a Áustria pelas piores razões.

No rescaldo desta coligação, mediante um cenário que, em larga escala, parecia representar um retrocesso no passado, o escritor e ativista político austríaco de origem judaica Doron Rabinovici publica um texto no jornal israelita *HaGalil*, ao qual dá o curioso título “Doron R. und D. Rabinovici. Der nationale Doppler”. Trata-se, na verdade, de uma espécie de diálogo assumidamente esquizofrénico no qual Doron R., o israelita, interpela D. Rabinovici, o austríaco, e o desafia a repensarem a sua relação:

Vor einigen Tagen drohte der in Tel Aviv geborene Doron R. dem in Wien lebenden D. Rabinovici damit, die Beziehungen zu ihm zu überdenken. Seitdem geht es auch in mir rund. Die beiden können nicht mehr voneinander lassen, streiten und urteilen hart über die Medien, aber bloss über jene des jeweils anderen Landes. „Wir Österreicher wählen, wen wir wollen“, sage ich mir trotzig, worauf ich mir lächelnd entgegne: „Nu, kein Problem - wir Israeli haben eben diplomatische Kontakte, mit wem wir wollen.“

So gehe ich als nationaler Doppler, als hochprozentiges Gemisch, durch die Strassen, in denen eben noch flammengelb der Hass gegen die Fremden geschürt wurde, und fühle mich so eigen und ganz fremd. „Immer musst Du Dich vordrängen und einmischen. Es ging in diesem Wahlkampf nicht um Juden, sondern um Ausländer, um Muslime oder Afrikaner. Kannst Du es nicht ertragen, einmal nicht das auserwählte Opfer zu sein?“ In solchen Momenten wird der Israeli sehr ernst und fordert mich auf, jegliche Antisemitismen zu unterlassen.

Ob ich nicht wisse, fragt mich der Tel Aviver, dass Leute *meines Staates* sechs Millionen Menschen *meines Volkes* ermordeten? Mag sein, spricht er weiter, dass die

Österreicher die Vergangenheit nur allzu gerne vergessen, doch jedem halbwegs gebildeten Menschen ausserhalb des Alpenlandes holt angesichts der FPÖ-Kampagnen die Erinnerung ein, überkommt der Gedanke an die Geschichte. (Rabinovici 1999a, Sublinhados meus)

Em 2010, uma década após ter publicado este texto, Rabinovici regressa ao registo literário com *Andernorts*, romance onde parece retomar esse diálogo. Se, no final da década de noventa, D. Rabinovici, o austríaco, reconhece que se sente simultaneamente parte integrante da cidade de Viena, porém também um estranho, porque, no fundo, o *seu* país é responsável pela morte de milhões de membros do *seu* povo, o protagonista do romance aqui em apreço, Ethan Rosen, também ele um israelita que vive em Viena, tece considerações semelhantes, mas desta feita relativamente a Israel: “Er wusste sich zu Hause, fühlte sich so heimisch und fremd zugleich, daß ihn die Sehnsucht erfaßte sofort wiederfortzufliegen”. (Rabinovici 2010, 80)

Na condição de sujeito portador de duas linguagens identitárias que, em variadíssimos aspetos, se assumem como contrárias, em ambos os textos o autor dá conta de um “Eu-Judeu” e de um “Eu-Austríaco” e assume sentir-se preso nesta duplicidade, isto é, na sua identidade histórica e cultural judaica e na sua identidade linguística e social austríaca. Com efeito, o sentimento de pertença a um conjunto de tradições e aspetos culturais coexiste com o sentimento de ligação ao país onde fala e escreve na língua dos criminosos nazis. É nesta ambivalência, nesta existência difícil e problemática, que procura a sua identidade, uma identidade que, inevitavelmente, terá diferentes camadas, que será plural, híbrida e fragmentada.

A obra ficcional e não-ficcional de Doron Rabinovici (*1961), nascido em Israel, mas a residir na capital austríaca desde 1964, é indubitavelmente marcada por esse acontecimento singular que, na perspetiva de muitos, se tornou no evento central do século XX: a violência genocida nazi, à qual, por convenção, chamamos Holocausto, Shoah ou Auschwitz, numa alusão ao mais emblemático dos campos de concentração nazis, entretanto transformado num lugar de memória supranacional. Por outro lado, a forma como a Áustria lidou com o passado e levou a cabo o seu próprio processo de *Vergangenheitsbewältigung* é também fundamental, não só no trabalho académico do autor, como também na sua atitude de intervenção política e social e, por fim, na sua obra literária.

O Holocausto é, de facto, um acontecimento histórico singular que, ao invés de outros cenários de violência, parece possuir uma força que não desvanece. Com efeito, o Holocausto adquiriu um carácter de unicidade que tem alimentado discussões e reflexões, sob as mais diversas perspetivas, desde há mais de seis décadas. Na Alemanha, a *Vergangenheitsbewältigung*, isto é, o processo de superação da história e reconciliação com o passado, tem aparecido como um fenómeno histórico e social que, até ao momento, ainda não terá sido concluído. O julgamento de Nuremberga (1945), os ecos da condenação de Adolf Eichmann em Israel (1961), o processo de Auschwitz (1963-1965), a reação das gerações mais jovens durante os movimentos de contestação por volta de 1968, a Disputa dos Historiadores em torno da possibilidade de um “ponto final” no discurso sobre Auschwitz (1986), a controvérsia lançada por Daniel Goldhagen e ainda a polémica entre Martin Walser e Ignatz Bubis, na década de 1990, a discussão acerca da inauguração do Memorial do Holocausto em Berlim (2005) e, ainda, as várias encenações cinematográficas de expressão alemã recentemente vindas a público¹, são alguns exemplos deste longo escrutínio do passado.²

Ao contrário da Alemanha, onde a discussão acerca dos crimes nazis teve início no imediato pós-guerra, prolongando-se depois ao longo de várias décadas, no contexto específico austríaco, o passado nacional-socialista foi silenciado e tratado como um tabu. Na realidade, após a “hora zero”, a Áustria e a Alemanha tomaram caminhos bastante diferentes. A Áustria suprimiu este episódio da sua consciência histórica durante um longo período de tempo e

¹Veja-se, por exemplo, *Gebürtig* (Lukas Stepanik, 2002), *Der Untergang* (Oliver Hirschbiegel, 2004), *Stauffenberg. Operation Valkyrie* (Jo Baier, 2004), *Sophie Scholl – Die letzten Tage* (Marc Rothemund, 2005), *Die Fälscher* (Stefan Ruzowitzky, 2007) ou *Eine Frau in Berlin* (Max Färberböck, 2008).

² Mais recentemente e num âmbito mais alargado, este debate tem continuado. Em 1995, na Alemanha, foi consensual a proclamação do dia 27 de janeiro, dia da libertação de Auschwitz, como o Dia em Memória do Holocausto. Em 2002, o Conselho da Europa declarou-o também o Dia Europeu da Memória. Três anos mais tarde, o Parlamento Europeu publicou uma resolução sobre a memória do Holocausto, do antissemitismo e racismo e, em novembro do mesmo ano, a Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou 27 de janeiro como o Dia Internacional em Memória das Vítimas do Holocausto. A polémica viria a surgir em 2009 quando o Parlamento Europeu aprovou uma proposta que visava a declaração do dia 23 de agosto (dia da assinatura do pacto Molotov-Ribbentrop, entre Hitler e Estaline), como o Dia Europeu em Memória das Vítimas do Estalinismo e do Nazismo, o que, na perspetiva de alguns críticos, visaria atribuir um carácter idêntico à posição de “vítima” de ambos os regimes. Esta declaração suscitou, de novo, discussões em torno do carácter singular do Holocausto; Heidemarie Uhl, por exemplo, considera que esta comparação ou equiparação não só trivializa e relativiza o genocídio judaico, como também apresenta uma revisão falsa da recente história do mundo, na medida em que o Estalinismo e o Nazismo são, de facto, ambos regimes totalitários, mas muito diferentes na sua essência. (Uhl 2009, 68-69).

transformou-o numa mentira conveniente, escondendo a colaboração com o regime nazi sob o falso mito de que teria sido a primeira vítima da hegemonia hitleriana:

Unlike Germany's near obsession with its Nazi past, Austria's relationship to its wartime history has remained decorously submerged, politely out of sight. Indeed, the post war identity of Austria had been based upon the self-serving myth that the country was Hitler's first victim. (Young 1999, 7)

Esta perceção, esta narrativa nacional imaginada duraria várias décadas. O processo de superação do passado, até então incumprido, encontraria um novo rumo a partir de 1986, momento em que Kurt Waldheim (Presidente da República entre 1986 e 1992) enfrentou fortes acusações após a revelação do facto de ter sido oficial nazi no passado, denúncias a que respondeu com o chavão do cumprimento do dever (Uhl 2001, 30-46). A chamada *Lebenslüge*, isto é, os sete anos de colaboração ativa com o regime nazi, foi por fim revelada e a versão da história criada pelos fundadores da Segunda República Austríaca foi também corrigida.

Todos estes acontecimentos propiciaram o renascimento do intervencionismo político e intelectual por parte de alguns elementos da comunidade judaica. Inicialmente através de artigos na imprensa e depois através de textos literários, um grupo de jovens intelectuais foi chamado a comentar tanto a eleição de Kurt Waldheim, como os discursos antisemitas do governador da Caríntia e opositor à União Europeia, Jörg Haider. Doron Rabinovici, Robert Schindel, Ruth Beckermann e Robert Menasse, entre outros, são nomes incontornáveis neste processo de confrontação com o passado. Foi então em 1986, após a eleição de Waldheim, que Doron Rabinovici começou a assumir uma vertente intervencionista e um interesse particular pela realidade política austríaca³, tendo fundado, no mesmo ano, o *Republikanische Club – Neues Österreich*, sede de discussões em torno de questões como o antisemitismo e o racismo. Rabinovici publicou ainda diversos textos contra a inclusão da *Freiheitspartei* de Haider no governo austríaco, participou em diversas manifestações e foi ainda voz ativa no protesto de 19 de Fevereiro de 2000, no qual mais de 250 000 austríacos tomaram as ruas de Viena e defenderam a palavra de ordem “Não à coligação com o racismo” (Kraft 2003, 1000). Atualmente é um dos organizadores da iniciativa “European Jewish Call for Reason” que, na sua

³ Numa entrevista ao *Neue Zürcher Zeitung* (11.07.1998), Rabinovici reconhece como a figura de Kurt Waldheim assumiu um papel decisivo na sua conduta enquanto cidadão e escritor: “Man kann sagen, Kurt Waldheim hat mich so richtig in die österreichische Innenpolitik eingeführt oder zumindest ins Österreichische gebracht. Ohne ihn wäre ich vielleicht nicht mehr da.” (apud Silvermann 1999, 263; Beilein 2008, 9)

página oficial, apresenta os seus mais de 8.000 membros como indivíduos pertencentes a duas realidades geográficas e culturais distintas, a dos respetivos países e à do Estado Israelita, o que nos conduz de novo para a questão da duplicidade identitária que esbocei no início desta reflexão:

We are citizens of European countries, Jews, and involved in the political and social life of our respective countries. Whatever our personal paths, our connection to the state of Israel is part of our identity. We are concerned about the future of the State of Israel to which we are unfailingly committed.⁴

Depois de *Suche nach M.* (1997), texto que reflete a problemática da transmissão do trauma, da memória e da culpa entre as famílias de sobreviventes, e de *Ohnehin* (2004), romance que alberga não só esta mesma questão mas também as complexidades identitárias de outros grupos sociais, nomeadamente da comunidade imigrante, em *Andernorts* – romance que viria a recolher uma receção muito positiva e que viria ainda a integrar a *shortlist* do *Deutscher Buchpreis* – os tópicos da origem, da duplicidade identitária e a noção de *Heimat* são os campos gravitacionais essenciais em torno dos quais gira a narrativa. Denominador comum na obra novelística do autor será o tópico da constituição identitária das gerações de origem judaica que nasceram no pós-guerra, no contexto específico dos desenvolvimentos históricos e sociais austríacos.

O protagonista de *Andernorts* é Ethan Rosen, sociólogo de origem israelita que vive em trânsito permanente entre Viena – onde é professor universitário e investigador, dedicando-se ao estudo das questões relacionadas com a memória da Shoah –, os vários países que visita por razões profissionais e ainda Telavive, cidade onde vivem os pais, de origem austríaca e sobreviventes à violência nazi.

O ponto de partida da ação dá-se após a morte de um amigo próximo de Ethan, o político israelita Dov Zedeck – outrora chamado Adolf Gerechter, oriundo de Viena, de onde escapara à perseguição nazi na década de 1930. A crise identitária da personagem central é desencadeada depois de recusar o pedido de um jornal austríaco para escrever o obituário do amigo. Alguns dias mais tarde e por casualidade, Ethan viria a encontrar esse mesmo obituário escrito por Rudi

⁴ Cf. <http://www.jcall.eu/About-us.html> (acesso em 23 de novembro, 2011).

Klausinger, professor e investigador austríaco (não-judeu) e também ele perito em Estudos Judaicos.

O texto de Klausinger tece uma série de considerações negativas sobre a cultura da memória do Holocausto, em particular sobre a organização de visitas de estudo a Auschwitz, o que indigna Ethan Rosen que, de imediato, publica uma resposta onde, de forma velada, acusa Klausinger de antissemitismo. Por seu turno, Klausinger dá continuidade ao debate e escreve um novo artigo no qual contrapõe que a linha de argumentação que seguiu teria sido utilizada uns anos antes pelo próprio Ethan Rosen num jornal israelita (Rabinovici 2010, 30). Este episódio revela, assim, a atitude contraditória do protagonista, a qual é ainda reconhecida pelo editor do jornal que, de forma bastante pertinente, afirma o seguinte:

Fred Sammler [der Redakteur] atmete tief durch. „Also Moment. Nur um Recht zu verstehen. Vor fünf Jahren schrieben Sie gegen diese Jugendreisen, (...) regten sich über, wie heißt es noch, Lagerfeuerromantik im Schatten des Schornsteins auf, und nun werfen Sie Klausinger Antisemitismus vor, wenn er dasselbe schreibt? (Rabinovici 2010, 31)

Esta interrogação denuncia, assim, os conflitos intrínsecos de uma existência judaica moderna, na medida em que as diferentes problemáticas e complexidades poderão ter diferentes abordagens consoante o contexto geográfico a partir do qual são analisadas; o próprio Doron Rabinovici defende numa entrevista que, de facto, “in Wien ist der gleiche Mann anders Jude als in Tel Aviv” (Jandl, 2010).

A leitura da obra levanta ainda as seguintes questões: Como criticar os judeus e não ser acusado de antissemitismo? Como não ser incorretamente interpretado quando se tecem juízos de valor mais críticos acerca de Israel, nomeadamente no que concerne às suas relações com o Estado Palestiniano? Devido ao peso da sua herança histórica serão os israelitas intocáveis? Ou, ainda, “wieso [...] gelte ein Israeli als Linker, wenn er eine bestimmte Meinung vertrete, und ein Österreicher als Nazi, wenn er dieselbe äußere?” (Rabinovici 2010, 41).

Na posição de sujeito portador daquela que é a complexa identidade judaica transcultural, Rabinovici procurará, acima de tudo, derrubar tabus e desconstruir sensibilidades, apresentando uma imagem crítica, por vezes crua e mordaz, de Israel e dos judeus, perceções assinaladas por alguém que pode, em simultâneo, adotar uma dupla perspetiva, interna e externa. Com efeito,

numa entrevista concedida em 2007 à autora do presente artigo, Rabinovici autorrepresentou-se como um “sujeito indefinido”, pertencente a dois mundos, por vezes contraditórios, para os quais olha sempre com uma visão muito crítica e inquisitiva:

Ich bin eigentlich in Wirklichkeit heimatlos geworden. Insofern ist es das, dass ich eine israelische Geburtsheimat habe und ein österreichisches Zuhause habe. Ich habe zwei Länder. Und ich bin der Regierung der zwei Länder sehr kritisch gegenüber. (Simões 2009, 437)

Se em *Suche nach M.* Rabinovici adotou esta atitude crítica relativamente às autoridades austríacas por tardarem em pagar as indemnizações devidas às vítimas do Holocausto e, em *Ohnehin*, criticou a sociedade civil austríaca por negligenciar a comunidade imigrante, em *Andernorts* lança um olhar satírico sobre Israel e sobre os judeus, afastando-se completamente de uma imagem romanceada de alguém que vive na Diáspora, ansiando pelo regresso à Terra Prometida. Aliás, Rabinovici refuta a ideia de Diáspora e considera simplesmente que todos os judeus espalhados pelo mundo são efeito de um fenómeno social menos mítico, isto é, da globalização (Kaukoreit 2004). Nenhum dos seus “Eus” está, portanto, isento de críticas.

Na verdade, Rabinovici apresenta neste romance múltiplas facetas da ideia do que é *ser-se judeu* na atualidade. Nas páginas iniciais apresenta de imediato um retrato satírico do Estado de Israel, marcado pela modernidade e pela religiosidade: regressando de Israel, num avião repleto de turistas austríacos, Ethan Rosen demonstra claramente o seu enfado por estar sentado entre uma mulher israelita, exageradamente maquilhada e adornada, com uma aparência que o transporta para a imagem do papel de parede usado no palácio de Versailles, e um gordo judeu ortodoxo, cujos caracóis o faziam lembrar uma ovelha ou um elemento de uma banda de *hard-rock* ou ainda um rastafári, que ruma as suas orações e o perturba com o constante baloiçar do corpo:

Links neben ihm eine Frau, Mitte siebzig, mit wachsweiß geschminkten Gesicht, eine Echse mit Krokodilledertasche, das Haar platinblond. [...] Sie trug ein karminrotes Damastkostüm mit stumpfgoldenen Knöpfen, eingewebt in den Seidenstoff glänzten Blumengirlanden. Ethan Rosen fühlte sich an chinesische Tapetenmuster in Versailles erinnert. (Rabinovici 2010, 13-14)

Der Orthodoxe wippte vor und zurück, federte in den Knien und begann mit einem Headbanging, als gehöre er einer Hard-Rock-Band an, auch wenn seine herum

hüpfenden Schläfenlocken eher an die Dreadlocks der Rastafaris erinnerten. (*idem*, 17)

Pertinente é ainda forma como os jovens israelitas são aqui retratados. No artigo que viria a originar o folheto periódico entre Ethan Rosen e Rudi Klausinger, o protagonista debruçou-se sobre a questão da trivialização das visitas de estudo a campos de concentração, os quais comparou a uma espécie de Disneylândia da destruição ou a campos de férias. Aí Ethan questiona se os jovens não estariam a confundir a história do seu passado com um mero filme de terror (Rabinovici 2010, 48). É ainda relatado o episódio no qual, no decorrer de uma destas visitas e ao ser advertido por estar entrar numa câmara de gás com o iPod ligado, um dos jovens estudantes simplesmente responde “Willst du mich daran hindern, in die Gaskammer zu gehen, du Nazi?” (*idem*, 41), o que, acima de tudo e por mais inconveniente que o seja, revela que a memória do passado parece estar a ser relativizada pelas gerações mais jovens, parecendo ter perdido o seu valor sagrado, o seu carácter de absoluta singularidade (ferozmente reclamado pelos judeus junto de todas as instâncias mundiais).

O romance apresenta ainda a percepção que cada um dos países que integra a identidade do protagonista possui do outro. Por exemplo, ao saber que Ethan Rosen vai viajar para Israel, um taxista vienense demonstra alguma relutância e reduz a ideia que possui de Israel à possibilidade de o seu cliente vir sofrer um atentado: “Nach Israel? Ist die Lage dort sicher genug? Ich meine nur. Wegen der Attentate” (*idem*, 104). Por seu turno, quando em Israel Ethan assume que permanece em Viena porque essa é simplesmente a sua vontade, constata a prevalência da mesma imagem estereotipada, de uma certa intolerância até, profundamente marcadas pelo peso da própria história:

“Wie könntest du dort wohnen? Die sollen alle Antisemiten sein. Müssen die Juden da nicht um ihr Leben fürchten?” Erst als Ethan ihm versicherte, es werde in Österreich keinem Juden ein Haar gekrümmt, erstarb das Gespräch, und der Mann sah ihn argwöhnisch an, als hätte er eben behauptet, Nazis seien überaus liebenswerte Menschen und die ganze Geschichte der Verfolgung wäre nur ein Missverständnis. (*ibidem*)

Por fim, o protagonista reconhece ainda como Israel o sufoca, como ironicamente se sente mais livre em Viena:

Ich bin erst kurz im Land, aber schon will ich wieder weg. Es ist wie eine Allergie. Kaum trete ich auch dem Flughafen, sehe ich die ganze Mischpoche, die versammelte Sippschaft, diesen Mischmasch aus Gott und Ghetto, aus Kitsch und Kischkes, sehe dazu diesen Apparat, für den die permanente Ausnahmesituation die einzige Normalität ist, die Sicherheitsleute, die Soldaten, fällt mir das Atmen schwer. [...] In Wien vergesse ich immer, wie beengt ich mich hier fühle. (Rabinovici 2010, 100-101)

Anderorts é um romance familiar que narra as dificuldades e perplexidades de duas gerações marcadas pelos acontecimentos do Holocausto. Não obstante a seriedade do seu teor, apresenta-se como uma tragicomédia que surpreende quem está já habituado ao registo mais sério e contido que o autor adotou em textos anteriores. A crítica é unânime em considerar este romance como o texto mais humorístico de Rabinovici. Na verdade, e em particular no que concerne às figuras de Felix e Dina Rosen, assinalam-se momentos verdadeiramente desconcertantes e hilariantes que facilmente nos transportam para o universo cinematográfico criado por Woody Allen. Veja-se, por exemplo, a passagem em que Felix, hospitalizado e bastante debilitado, reclama por não ser apresentado a Noa, a companheira do filho: “Ich glaube, du traust dich nicht, sie mir vorzustellen. Du füchtest wohl, ich könnte ihr zu gut gefallen” (Rabinovici 2010, 108), ou o momento do primeiro encontro de Noa com os pais de Ethan que, com uma convicção absoluta, garantem conhecer toda a família da jovem, descrevendo de forma detalhada familiares de Noa com quem, na realidade, nunca se haviam cruzado (*idem*, 112s.). Iguamente alucinado é o plano do rabino ultraortodoxo Berkowitsch que, a partir do ADN da família Rosen, pretende clonar o Messias, cujo embrião havia sido destruído pelos nazis no passado (*idem*, 146; 163; 166-175). Em troca da cedência de tecido para a manipulação genética, o rabino promete providenciar o rim que salvaria Felix Rosen de uma morte anunciada. Felix, porém, faleceria antes de o rabino prosseguir com os seus intentos.

Depois do incidente provocado pela publicação do obituário de Dov Zedeck, o conflito do protagonista com a figura de Rudi Klausinger viria a adensar-se ao longo do romance, primeiramente, quando Klausinger e Ethan concorrem à mesma posição na Universidade e, depois, quando o austríaco aparece de forma inusitada em Israel, junto à cama de hospital de Felix Rosen. Inesperadamente, Klausinger é apresentado à família como um filho de Felix, meio-irmão de Ethan, o que intensifica a profunda crise existencial do protagonista. Os acontecimentos

desenvolvem-se depois de forma intrincada e alucinante, chegando-se, por fim, a um desenlace surpreendente no qual, afinal de contas, Felix nunca tivera filho algum mas aceitara criar Ethan, que é filho do falecido Dov Zedeck. E Klausinger, que desde o início da trama encetara uma busca incessante por um pai judeu que nunca conhecera, recebe a confirmação de que todos os seus esforços para chegar às suas origens, aos fundamentos da sua identidade, terminavam agora num beco sem saída.

Destas múltiplas passagens ou movimentos, tanto de Ethan como do seu duplo Klausinger, emerge a busca constante pelas origens, pela ligação efetiva a um determinado lugar, no fundo, pela consolidação de uma ideia de identidade completa e coerente. Ethan reconhece, todavia, que parece pertencer sempre a outro lugar, uma vez que nem a Áustria, nem Israel são sinónimo de uma verdadeira *Heimat* para si. Na verdade, sente-se em casa em todo o lado, mas não encontra um lar em lado algum. Mais do que o sentimento de pertença a um local, prevalece o sentimento de pertença a uma memória, a uma história. No fundo, o leitor encontra aqui o retrato das complexidades identitárias advindas de uma vivência pautada por um percurso vivencial e intelectual entre duas culturas, duas línguas e dois caminhos históricos tão distintos de uma figura que, na realidade, em muito se assemelha ao seu próprio autor.

Referências bibliográficas

Apin, Nina. 2010. Nächstes Buch in Jerusalem. *Die Tageszeitung*, 2/3.10.

Bartmann, Christoph. 2010. Samen für einen neuen Messias. *Die Presse*, 14.08.

Bauer, Yehuda. On Comparisons between Nazi Germany and the Soviet Regime.

www.gedenkdienst.at/index.php?id=585 <acesso em 12 de setembro, 2010>.

Beilein, Matthias. 2008. *86 und die Folgen. Robert Schindel, Robert Menasse und Doron Rabinovici in literarischen Feld Österreichs*. (Philologische Studien und Quellen 213). Berlin: Erich Schmidt Verlag.

Berking, Sabine. 2010. Der Messias aus der Retorte. *Frankfurter Allgemeine Zeitung*, 28.08.

- Birkenhauer, Frank. 2010. Zuhause im Zwiespal“. *Sf magazin*. 13.08. <http://www.sf-magazin.de/doron-rabinovici-andernorts,312.html> <acesso em 26 de janeiro, 2005>.
- Böttiger, Helmut. 2010. Komisch verzweifelt. *Zeit Literatur*, 30.09: 49-50.
- Jandl, Paul. 2010. Mas ist, wofür man sich hält. *Die Welt*, 9.9.
- Knight, Robert. 2001. The Austrian State Treaty and beyond. *Contemporary European History* 10, 1: 123-142.
- Kraft, Thomas. 2003. Doron Rabinovici. *Lexikon zur deutschsprachigen Gegenwartsliteratur seit 1945 – Band 2* by Thomas Kraft (Ed.), Nymphenburger, München, 1000-1001.
- Meyer-Gosau, Frauke. 2010. ‘Das macht mir einen unglaublichen Spaß...’ Ein Samstagmorgen mit Doron Rabinovici in Wien. *Literaturen*, 5: 10-15.
- Rabinovici, Doron. 2010. *Andernorts*. Berlin: Suhrkampverlag.
- . 1999a. Doron R. und D. Rabinovici. Der nationale Doppler. <http://www.hagalil.com/archiv/99/10/austria.htm> <acesso em 26 de janeiro, 2005>.
- . 1999b. Keine Koalition mit dem Rassismus. <http://sybamb.blogspot.com/2004/08/rabinovici-doron.html> <acesso em 26 de janeiro, 2005>.
- Sabin, Stefana. 2010. Wenn ein Rabbiner den Messias klonen will. *Neue Zürcher Zeitung am Sonntag*, 29.08.
- Sell, Gundula. 2010. Zwischen Wolken. *Sächsische Zeitung*, 5.8.
- Silverman, Lisa. (Summer, 1999). Der richtige Riecher: the reconfiguration of Jewish and Austrian identities in the work of Doron Rabinovici. *The German Quarterly*, 72, 3: 252-64.

Simões, Anabela Valente. 2009. *O lugar da memória na obra de jovens autores de expressão alemã*. Ph.D. diss., Universidade de Aveiro.

Uhl, Heidemarie. 2001. Das 'erste Opfer'. Der österreichische Opfermythos und seine Transformationen in der Zweiten Republik. *Österreichische Zeitschrift für Politikwissenschaft*, 30, 1: 19-34.

---. 2009. Conflicting Cultures of Memory in Europe: New Borders between East and West? *Israel Journal of Foreign Affairs* III, 3: 59-72.

Wiesauer, Caro. 2010. Doron Rabinovici. Das Leben ist nicht schwarzweiß. *Kurier*, 28.08.

Young, James E. 1999. Memory and Counter-Memory. The End of the Monument in Germany. *Harvard Design Magazine*, 9 (Fall): 1-10.

Palavras-chave: Identidade, Memória, Holocausto, *Vergangenheitsbewältigung*, Áustria